

Narrar o passado com algoritmos: inteligência artificial e visualidade histórica

Narrating the Past with Algorithms: Artificial Intelligence and Historical Visuality

Gabriel Antonio Butzen

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
gabrielantonibutzen@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9009-4757>
<http://lattes.cnpq.br/5521007909556853>

Tereza M. Spyer Dulci

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Brasil
Professora da Universidade Federal de Ouro Preto e da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil
terezaspier@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3891-2577>
<http://lattes.cnpq.br/3991418591681661>

Resumo: Este artigo analisa a produção e a circulação de narrativas históricas geradas por Inteligência Artificial (IA) no *TikTok*, tomando como estudo de caso o perfil @timeportals. Parte-se da compreensão da plataforma como uma infraestrutura algorítmica de circulação de conteúdos, na qual narrativas históricas são produzidas em escala, monetizadas e amplamente consumidas. A investigação articula netnografia, estudo de caso e hermenêutica da prática para examinar formatos narrativos, visualidades algorítmicas e temporalidades acionadas por vídeos gerados por IA. A partir do *corpus* analisado, propõe-se uma tipologia composta por três visualidades narrativas predominantes: visualidade imersiva de testemunho, visualidade de temporalidade condensada e visualidade anacrônica da historicidade. Argumenta-se que essas narrativas reconfiguram noções de autoria, evidência e autoridade histórica, ao mesmo tempo em que produzem anacronismos, teleologias e disputas de sentidos, evidenciando tensões éticas e epistêmicas do passado nas plataformas.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Visualidade; TikTok; Humanidades Digitais.

Abstract: This article analyzes the production and circulation of historical narratives generated by Artificial Intelligence (AI) on TikTok, taking the @timeportals profile as a case study. It approaches the platform as an algorithmic infrastructure for content circulation, within which historical narratives are produced at scale, monetized, and widely consumed. The research combines netnography, case study, and a hermeneutics of practice to examine narrative formats, algorithmic visualities, and temporalities mobilized in AI-generated videos. Drawing on the analyzed corpus, a typology composed of three predominant narrative visualities is proposed: immersive testimony visuality, condensed temporality visuality, and anachronistic visuality of historicity. It argues that these narratives reconfigure notions of authorship, evidence, and historical authority, while also producing anachronisms, teleologies, and disputes over meaning, thereby revealing ethical and epistemic tensions inherent to the platformization of the past.

Keywords: Artificial Intelligence; Visuality; TikTok; Digital Humanities.

Introdução

As transformações recentes na produção e circulação de conteúdos digitais têm impactado os modos pelos quais o passado é narrado, visualizado e apropriado no ambiente digital contemporâneo. Nesse processo, a expansão das tecnologias de Inteligência Artificial (IA) generativa, voltadas à produção de imagens e vídeos a partir de instruções textuais, têm reconfigurado as condições técnicas de produção e os regimes de mediação que estruturam a circulação de narrativas históricas em plataformas digitais.

No caso do *TikTok*, essas dinâmicas assumem contornos específicos, uma vez que a plataforma se organiza por uma infraestrutura algorítmica orientada pela recomendação personalizada, pela maximização do engajamento e pela circulação acelerada de vídeos curtos. Nesse ambiente, a produção de conteúdos históricos se articula a formatos audiovisuais padronizados, estratégias de visibilidade e modelos de monetização baseados na economia da atenção, configurando um ecossistema em que o passado é continuamente reconfigurado segundo as lógicas de circulação da própria plataforma.

Nesse contexto, emergem conteúdos históricos produzidos com o auxílio de IA generativa, frequentemente organizados em séries de vídeos curtos, altamente visualizados e orientados à viralização. Mais do que ferramentas de apoio, essas tecnologias atuam como mediadoras na construção das narrativas, influenciando escolhas estéticas, formas de temporalização e modos de representação do passado. Ao mesmo tempo, articulam-se estratégias de monetização e formação de públicos, convertendo engajamento em valor econômico e tensionando as fronteiras entre produção cultural, entretenimento e circulação de conhecimento histórico.

Diante desse cenário, este artigo parte da hipótese de que as narrativas históricas mediadas por IA no *TikTok* participam de uma reconfiguração dos regimes contemporâneos de autoridade histórica, deslocando critérios tradicionais de validação, baseados na crítica

documental e na mediação historiográfica, para formas de legitimação ancoradas na visualidade, na performatividade e na circulação algorítmica. Nesse sentido, a mediação algorítmica não se limita à distribuição de conteúdos, mas envolve a definição dos critérios de visibilidade, relevância e valor que orientam a produção e a circulação de narrativas históricas. Esse deslocamento não implica a substituição dos regimes anteriores, mas indica a emergência de formas concorrentes de produção de sentido histórico vinculadas às condições sociotécnicas das plataformas digitais.

Para examinar esse processo, o artigo analisa de que modo as tecnologias de IA generativa são mobilizadas na produção de narrativas históricas no *TikTok*, identificando visualidades e sua relação com a historicidade, formatos narrativos predominantes, formas de temporalidade e estratégias de circulação e monetização. Metodologicamente, a pesquisa articula estudo de caso, netnografia e análise qualitativa de materiais audiovisuais, tomando como *corpus* um conjunto de vídeos do perfil @timeportals, um dos mais relevantes nesse segmento.

A escolha do estudo de caso não visa generalizações, mas a identificação de dinâmicas recorrentes em um contexto empiricamente delimitado. A partir da análise do *corpus*, propõe-se uma tipologia composta por três visualidades narrativas predominantes: visualidade imersiva de testemunho, visualidade de temporalidade condensada e visualidade anacrônica da historicidade. Essa tipologia constitui o eixo central da análise, articulando visualidade, temporalidade e circulação algorítmica na produção e legitimação de sentidos sobre o passado.

Ao articular análise empírica e teórica, o artigo contribui para os debates das Humanidades Digitais ao enfatizar o papel das mediações sociotécnicas na reconfiguração das narrativas históricas. Mais do que avaliar a “correção” ou “erro” dessas representações, interessa compreender as condições de sua produção, as visualidades que as sustentam e os modos pelos quais disputam autoridade no ambiente digital.

Inteligência Artificial, Visualidade Algorítmica e Historicidade Digital

A incorporação de sistemas computacionais às práticas de pesquisa, produção cultural e circulação de discursos nas Humanidades insere-se em debates que, desde o final do século XX, atravessam a digitalização de acervos, a análise automatizada de textos, a visualização de dados e a modelagem computacional aplicada às ciências humanas. Nesse percurso, as Humanidades Digitais consolidaram-se como um campo heterogêneo, marcado tanto pela experimentação metodológica quanto por disputas críticas em torno dos limites, pressupostos e implicações epistêmicas do uso de tecnologias digitais na produção do conhecimento histórico (LUCCHESI, 2024).

A emergência recente de sistemas de IA generativa intensifica essas disputas ao deslocar o foco da automação da análise para a produção simbólica. Diferentemente de ferramentas voltadas à organização, indexação ou apoio analítico, os modelos generativos produzem textos, imagens, sons e vídeos a partir de padrões estatísticos aprendidos em grandes conjuntos de dados, frequentemente denominados *corpora* massivos, isto é, coleções extensas e heterogêneas de materiais textuais, visuais e audiovisuais reunidas para treinamento computacional. Esse deslocamento recoloca questões centrais, como autoria, evidência, originalidade, responsabilidade e mediação técnica, bem como implicações éticas relacionadas aos impactos sociais da IA (FLORIDI, 2019), em um cenário no qual a produção de narrativas é parcialmente delegada a sistemas opacos (BURRELL, 2016), treinados a partir de bases desigualmente distribuídas, cujas assimetrias tendem a reproduzir e amplificar hierarquias sociais e raciais (FAUSTINO; LIPPOLD, 2024).

Embora esses estudos avancem na crítica à geração de imagens, ainda são incipientes as análises de sistemas de IA generativa voltados à produção de vídeos, sobretudo quando articulados à circulação de narrativas históricas em plataformas digitais. Essa lacuna é relevante, pois o vídeo ocupa posição central na cultura digital contemporânea, combinando temporalidade, movimento, som e imersão visual de modo mais complexo que imagens estáticas. A geração automatizada de vídeos históricos intensifica dilemas já presentes na visualidade algorítmica ao incorporar sequências narrativas, encadeamentos temporais e efeitos de realismo que ampliam a percepção de verossimilhança (HO *et al.*, 2022; WANG *et al.*, 2025).

A abordagem aqui adotada dialoga com os estudos de cultura visual, que compreendem a visualidade como construção histórica e cultural do olhar, para além de sua dimensão fisiológica (SÉRVIO, 2014), bem como com uma tradição historiográfica que reconhece a imagem como

fonte central dos processos sociais, não apenas como registro, mas como forma ativa de produção de sentidos e de disputas simbólicas (KNAUSS, 2006). Nesse horizonte, a centralidade assumida pelas imagens pode ser situada no contexto da chamada “virada visual”, que as reconhece como agentes na organização das experiências sociais e na produção de visibilidade (SANTIAGO JR., 2019).

Em plataformas como o *TikTok*, essas dinâmicas se acentuam. Operando como infraestruturas sociotécnicas baseadas em recomendação algorítmica, tais plataformas não apenas hospedam conteúdos, mas organizam sua circulação, visibilidade e monetização. Essa lógica privilegia formatos curtos, altamente legíveis e emocionalmente engajadores, incentivando a produção seriada e a padronização estética dos vídeos (KAYE; CHEN; ZENG, 2021; TIKTOK, 2025).

Importante destacar que a produção e o consumo dentro dessas plataformas se dão de forma mediada pelos algoritmos. Compreende-se por mediação algorítmica o conjunto de operações técnicas e sociotécnicas pelas quais plataformas condicionam, hierarquizam e orientam a produção, a circulação e a recepção dos conteúdos, não apenas distribuindo materiais, mas intervindo nos critérios de visibilidade, legibilidade e valor que estruturam a experiência histórica no ambiente digital, em consonância com abordagens que tratam algoritmos como estruturas sociotécnicas (AIROLDI, 2022).

Nesse cenário, narrativas históricas mediadas por IA passam a ser moldadas não apenas por decisões criativas, mas também por expectativas algorítmicas, métricas de desempenho e estratégias de monetização. A autoridade histórica, tradicionalmente ancorada na crítica de fontes, contextualização e argumentação, passa a disputar espaço com formas de legitimação baseadas na eficácia visual, na imersão sensorial e no engajamento dos usuários, reconfigurando os critérios de evidência e validação histórica.

Essas transformações devem ser compreendidas à luz de uma experiência temporal caracterizada por aceleração, atualização contínua e presentificação do passado. A noção de atualismo (ARAUJO; PEREIRA, 2019) oferece um referencial analítico para pensar esses efeitos na produção e circulação do conhecimento histórico em ambientes digitais. Em ecossistemas marcados pela produção massiva, rápida obsolescência e centralidade da visualidade, o passado tende a ser reconfigurado como repertório continuamente atualizável, fragmentado e adaptável às lógicas do presente.

Ao articular IA generativa, visualidade algorítmica e atualismo, este artigo insere-se em uma perspectiva crítica das Humanidades Digitais, interessada menos na adoção instrumental de tecnologias e mais na análise das mediações técnicas, econômicas e simbólicas que estruturam a produção contemporânea de narrativas históricas. Esse enquadramento fundamenta a análise empírica, orientando a investigação das narrativas históricas no *TikTok* a partir de seus modos de produção, circulação e legitimação. Argumenta-se que essas narrativas não são apenas novas formas de representação do passado, mas práticas sociotécnicas situadas, nas quais visualidade, temporalidade e circulação algorítmica operam conjuntamente na produção e validação de sentidos históricos.

No plano empírico, esses conceitos são mobilizados a partir de critérios observáveis no *corpus*. A visualidade algorítmica é identificada pela recorrência de composições cinematográficas padronizadas, enquadramentos frontalizados, estilização homogênea e repertórios iconográficos de reconhecimento imediato. E o atualismo manifesta-se na condensação temporal, na reorganização acelerada do passado em sequências lineares e na lógica de atualização e teste contínuo de formatos.

Procedimentos Metodológicos e Estratégia de Análise

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, orientada pela articulação entre estudo de caso, netnografia e hermenêutica da prática. Essa combinação permite analisar as narrativas históricas geradas por IA no *TikTok* não apenas como produtos audiovisuais isolados, mas como resultados de cadeias sociotécnicas que envolvem infraestruturas algorítmicas, decisões de *design*, práticas criativas, estratégias de monetização e regimes de circulação e legitimação.

O estudo de caso é mobilizado como estratégia central, possibilitando análise intensiva e situada de um fenômeno contemporâneo complexo, ao mesmo tempo em que apresenta limites para generalizações mais amplas (VENTURA, 2007). O perfil @timeportals foi selecionado por sua expressiva visibilidade, recorrência da temática histórica e uso sistemático de ferramentas de IA generativa. A escolha não visa generalização, mas a compreensão de dinâmicas que articulam IA, visualidade histórica e circulação algorítmica em um dos perfis mais populares

desse segmento.

A netnografia orienta a observação das práticas culturais, interações e dinâmicas de engajamento em contextos de *cibercultura*. Foi aplicada a partir de Kozinets (2014), considerando de forma exploratória conteúdos audiovisuais, métricas de engajamento e interações visíveis associadas aos vídeos. O perfil @timeportals foi monitorado entre 10 de agosto e 26 de novembro de 2025, período no qual o perfil totalizou 195 publicações. As métricas dos vídeos foram revisadas no dia 26 de março.

A pesquisa envolveu o acompanhamento sistemático do perfil, o registro dos conteúdos por meio de capturas de tela, anotações em diário de campo digital e elaboração de planilha de catalogação com métricas de engajamento, além da observação de reações e compartilhamentos. Os materiais foram selecionados com base na recorrência temática, nos formatos narrativos e no uso declarado de IA generativa. Em consonância com as cinco etapas de investigação propostas por Kozinets (2014) e adaptadas ao contexto do *TikTok* sendo a definição da pesquisa, identificação da comunidade, observação participante, análise e redação, foram selecionados oito vídeos do *corpus* total. A análise dialoga, contudo, com o conjunto mais amplo de publicações do perfil, permitindo identificar padrões recorrentes de produção e circulação.

A seleção dos vídeos decorre do recorte necessário à escrita do artigo. No *TikTok*, criadores tendem a reproduzir formatos bem-sucedidos, isto é, vídeos com alto engajamento, como curtidas, comentários e salvamentos, maximizando seu desempenho na plataforma. Com base nessa dinâmica, selecionou-se o vídeo mais visualizado de cada formato histórico do perfil, permitindo compreender modelos narrativos, intencionalidades e representações visuais sem repetição analítica. Ao mesmo tempo, reconhece-se que pesquisas futuras podem aprofundar a análise de narrativas específicas e recortes temáticos distintos. Esses procedimentos permitem compreender como a circulação algorítmica e a performatividade dos públicos participam da construção da autoridade histórica no ambiente digital.

Complementarmente, a hermenêutica da prática orienta a interpretação dos artefatos digitais a partir dos modos de fazer que os produzem, com base em Lucchesi (2024). Nessa perspectiva, os vídeos são entendidos não apenas como produtos finais, mas como resultados de operações que incluem formulação de *prompts*, uso de modelos *Text to Video* (T2V), seleção de estilos visuais, edição automatizada e adaptação às expectativas algorítmicas. Esse deslocamento evidencia mediações técnicas, econômicas e discursivas frequentemente

invisibilizadas, superando discursos de neutralidade tecnológica e criatividade automatizada. Ao mesmo tempo, reconhece a necessidade de experimentação metodológica diante de objetos complexos e mutáveis.

A análise empírica concentrou-se em três eixos articulados: (a) formatos narrativos, considerando estruturas temporais, regimes de verossimilhança e estratégias de imersão; (b) visualidades algorítmicas, observando padrões estéticos, recorrências iconográficas e padronização visual; e (c) dinâmicas de circulação e validação, a partir das métricas de engajamento e das formas de interação, entendidas como elementos de legitimação ou contestação das narrativas históricas.

Ao articular esses procedimentos, a metodologia responde aos desafios da pesquisa histórica em ecossistemas digitais marcados por aceleração, produção massiva e centralidade da visualidade, ao mesmo tempo em que torna visíveis as mediações técnicas, narrativas e algorítmicas que estruturam a produção e a circulação de narrativas históricas geradas por IA.

Em consonância com a noção de atualismo, entendido como regime de atualização contínua da relação entre passado, presente e futuro (ARAUJO; PEREIRA, 2019), reconhece-se o caráter instável e potencialmente efêmero dos objetos analisados, assumindo-se a necessidade de registrá-los, contextualizá-los e interpretá-los em sua dependência de infraestruturas proprietárias. Observa-se, ainda, um uso sistematizado da IA voltado à produção de engajamento no *TikTok*, associado a uma temporalidade marcada pelo uso massivo de dados que reduz a contingência da história, deslocando a abertura do possível para um regime do provável (PEREIRA, 2024).

Assim, em vez de tratar esses conteúdos apenas como representações do passado, a análise privilegia os processos de produção, formatação e recepção que condicionam sua inteligibilidade e sua autoridade. Essa abordagem permite examinar, de forma situada, como escolhas técnicas, padrões estéticos e dinâmicas de engajamento participam da legitimação contemporânea do discurso histórico, oferecendo um instrumental analítico adequado às especificidades empíricas e temporais do objeto.

Por fim, as interações dos usuários, especialmente os comentários, foram consideradas de forma exploratória, sendo utilizadas como material ilustrativo para compreender dinâmicas de recepção e engajamento, sem constituir um *corpus* sistemático de análise.

Mediações algorítmicas e produção de narrativas históricas no TikTok

Condições sociotécnicas e o ecossistema “History AI” no TikTok

Diversos usuários são atraídos para o *TikTok* tanto por seu sistema algorítmico de recomendação, capaz de identificar padrões de consumo e preferências individuais, quanto pela facilidade técnica de produção e publicação de conteúdos no próprio ambiente da plataforma. Ao mesmo tempo, o *TikTok* abriga um número significativo de usuários orientados pela busca de retorno financeiro, especialmente por meio do “Programa de Recompensa dos Criadores”, no qual, segundo critérios definidos pela própria plataforma, cada visualização qualificada gera remuneração em dólar (TIKTOK, 2025). Nesse contexto, difundem-se práticas voltadas à maximização de alcance e engajamento, como a criação de “contas black”, dedicadas à *repostagem* de conteúdos virais ou à produção seriada de vídeos gerados com o auxílio de IA, com o objetivo de alcançar grandes volumes de visualizações e monetização.

Uma parte significativa do ecossistema do *TikTok* estrutura-se a partir do uso intensivo de sistemas de IA. A empresa proprietária da plataforma, a ByteDance, tem sua origem vinculada ao desenvolvimento do Toutiao, sistema de recomendação de notícias personalizadas fundado em 2012, cuja lógica foi posteriormente incorporada ao *TikTok* na forma de funcionalidades como recomendação personalizada, geração automática de legendas e avaliação de qualidade visual dos vídeos, elementos que contribuíram para sua rápida expansão (STOKEL-WALKER, 2022). Nesse sentido, o *TikTok* não apenas hospeda conteúdos gerados com IA, mas configura-se como uma infraestrutura algorítmica na qual produção, circulação e visibilidade das narrativas históricas são continuamente mediadas por sistemas automatizados.

A produção de conteúdos audiovisuais inteiramente gerados com IA tem crescido de forma significativa no *TikTok*, integrando-se às dinâmicas de circulação e consumo da plataforma. Um exemplo é a criação da *Seedance 1.0*, ferramenta voltada à geração de imagens e vídeos a partir de *prompts* escritos ou materiais de referência, ampliando a capacidade de

produzir conteúdos de aparência realista e cinematográfica e favorecendo a emergência de narrativas sintéticas que simulam temporalidades, cenários e personagens históricos.

Ao mesmo tempo, a própria plataforma reconhece que a crescente presença de conteúdos gerados por IA produz tensões em seu ecossistema. A partir de meados de 2025, passou a permitir que usuários ajustassem a quantidade de vídeos gerados por IA exibidos na página “*For You*”, principal espaço de descoberta de conteúdos (BERNARDI, 2025). Essa medida evidencia disputas em torno da visibilidade, da saturação algorítmica e da confiança nos conteúdos, agravadas por preocupações com usos indevidos da IA, como vídeos não identificados como artificiais, *deepfakes* com finalidades políticas e publicidade disfarçada, aspectos que impactam diretamente a experiência dos usuários e a credibilidade das narrativas (CHALEGRA, 2025).

Os sistemas T2V operam a partir de modelos treinados em grandes bancos de imagens, vídeos e textos, transformando instruções linguísticas em sequências visuais plausíveis por recombinação estatística de padrões. Wang *et al.* (2025) demonstram que, embora esses sistemas produzam cenas com personagens, objetos e ações internamente coerentes, a qualidade frequentemente descrita como “impressionante” convive com limitações persistentes quanto ao realismo físico, coerência de movimentos, iluminação, gravidade e interação entre elementos, às quais se somam desafios de continuidade narrativa e identidade visual em produções mais longas, além do elevado custo computacional.

Em plataformas como o *TikTok*, orientadas ao consumo rápido e à retenção de atenção, tais limitações tendem a ser contornadas por estratégias de simplificação visual, encurtamento temporal e padronização narrativa, com impactos diretos sobre as formas de representar o passado. Ao mesmo tempo, a crescente demanda por vídeos T2V pressiona o desenvolvimento de modelos cada vez mais rápidos e “realistas”, ainda que esse realismo permaneça atravessado por limites técnicos e implicações éticas: uso não autorizado de rostos e vozes, vieses e representações estereotipadas e falta de transparência nos processos de geração (HO *et al.*, 2022; WANG *et al.*, 2025). Tais aspectos evidenciam que, para além da verossimilhança técnica, esses sistemas operam a partir de infraestruturas sociotécnicas opacas, atravessadas por assimetrias de poder e disputas em torno de autoria, responsabilidade e regulação.

A literatura sobre IA generativa tem investigado de forma crescente os padrões visuais e os vieses inscritos nesses sistemas. Em estudo com o Midjourney, Almeida e Rafael (2024)

demonstram que instruções aparentemente neutras reiteram visuais ancorados em imaginários eurocêntricos, patriarcais e cristãos. Quando associadas a nacionalidades, essas instruções amplificam o viés de gênero e substituem a diversidade religiosa local por signos genéricos, apagando, por exemplo, referências ao xintoísmo no Japão ou ao islamismo na Nigéria. Ghosh *et al.* (2025), por sua vez, mostram que sistemas como *Stable Diffusion*, *ChatGPT* e *DALL·E 3* representam pessoas do Sul Global a partir de um padrão de exotização, no qual marcadores culturais, vestimentas e adereços permanecem inalterados independentemente da atividade retratada, ao contrário do que ocorre com sujeitos ocidentais. Na mesma direção, Gautam, Venkit e Ghosh (2024) evidenciam que os vieses não se limitam às imagens produzidas, mas atravessam também os mecanismos de moderação. Enquanto a instrução “*upper class family*” gera representações padronizadas e ocidentalizadas, comandos como “*working-class family*” são bloqueados por políticas internas, revelando como determinadas categorias sociais são tornadas visíveis, enquanto outras são sistematicamente silenciadas. Varghese e Rani (2024) reforçam esse argumento ao identificar um padrão de “orientalismo digital” em plataformas como *Stable Diffusion*, *Flux* e *Midjourney*, no qual o refinamento técnico das instruções não garante maior autenticidade cultural. Mesmo em versões mais elaboradas, culturas não ocidentais são fixadas em representações homogêneas e atemporais do “tradicional”, com apagamento de urbanidades e tecnologias contemporâneas.

Para dar concretude a esse recorte, como já mencionado, optou-se pela análise de um dos perfis de maior alcance dedicados à produção de vídeos históricos gerados com o auxílio de IA no *TikTok*. O estudo de caso do perfil @timeportals permite observar, de maneira articulada, as dinâmicas centrais que estruturam esse tipo de produção, incluindo os formatos narrativos que alcançam maior viralização, os temas históricos privilegiados, as estratégias de monetização e os modos pelos quais sentidos sobre o passado são construídos e colocados em circulação na plataforma. Nesse sentido, o perfil não é tratado como um exemplo isolado, mas como um caso analítico capaz de tornar visíveis práticas recorrentes do ecossistema de narrativas históricas mediadas por IA no *TikTok*. A análise que se segue mobiliza, portanto, tanto os conteúdos publicados quanto as condições técnicas que viabilizam sua produção seriada e sua ampla circulação.

No caso do perfil @timeportals, a produção das narrativas históricas analisadas está diretamente vinculada ao uso da ferramenta *AICutPro*, que atua como mediadora técnica e

econômica entre o criador de conteúdo e diferentes sistemas de IA generativa. A plataforma não constitui uma IA autônoma, mas opera por meio da integração das *Application Programming Interfaces* (APIs) de distintos modelos de geração de texto para vídeo, como a *Seedance*, da *ByteDance*, o *Veo*, do *Google*, além de ferramentas como *Sora* e *Kling*, conforme as escolhas realizadas pelos usuários. Nesse arranjo, a *AICutPro* recebe as instruções textuais ou materiais de referência enviados, realiza ajustes técnicos e encaminha a solicitação ao sistema selecionado, cujo retorno se materializa na forma de vídeos sintéticos prontos para circulação.

Ao funcionar como intermediária entre criador e infraestruturas proprietárias de IA, a plataforma viabiliza a produção seriada de conteúdos de aparência realista, alinhados às exigências de ritmo, formato e legibilidade do *TikTok*. O modelo de monetização, baseado em assinaturas mensais e no consumo de *tokens* a cada solicitação de geração de vídeo, reforça a articulação entre infraestrutura técnica, escalabilidade produtiva e lógica de plataforma, aspecto central para compreender a dinâmica de circulação das narrativas históricas analisadas.

Além de atuar como mediadora técnica da produção audiovisual, a *AICutPro* estrutura um ecossistema de formação e filiação voltado a potenciais criadores de conteúdo, especialmente no contexto do *TikTok*. A plataforma oferece um conjunto organizado de práticas formativas voltado aos usuários, que inclui orientações sobre a elaboração de instruções textuais, estratégias para a construção de vídeos com alto potencial de viralização e a possibilidade de adesão a um programa de filiação. Na condição de filiado, o criador pode divulgar a plataforma por meio de um *hiperlink* e receber comissões sempre que novos usuários realizam assinaturas, articulando diretamente produção de conteúdo, formação técnica e remuneração.

A promessa central apresentada pela *AICutPro* é a criação de vídeos virais passíveis de monetização no *TikTok*, como evidencia a própria seção de “Exemplos” da plataforma. Não por acaso, um dos principais divulgadores da ferramenta é o próprio perfil analisado neste artigo, @timeportals, que associa explicitamente sua produção de narrativas históricas ao domínio técnico da IA. Nessa seção, a plataforma exhibe capturas de tela de vídeos gerados artificialmente acompanhadas de métricas expressivas de visualizações, convertendo números de engajamento em evidência de eficácia técnica e econômica.

Outro recurso relevante é a possibilidade de vincular diretamente a conta do *TikTok* do usuário à plataforma, automatizando o processo de publicação dos vídeos. Esse mecanismo facilita a produção em escala dos conteúdos, que passam a ser tratados como produtos, isto é,

vídeos históricos gerados por IA concebidos desde a origem para a circulação massiva e para a captura sistemática de engajamento na plataforma.

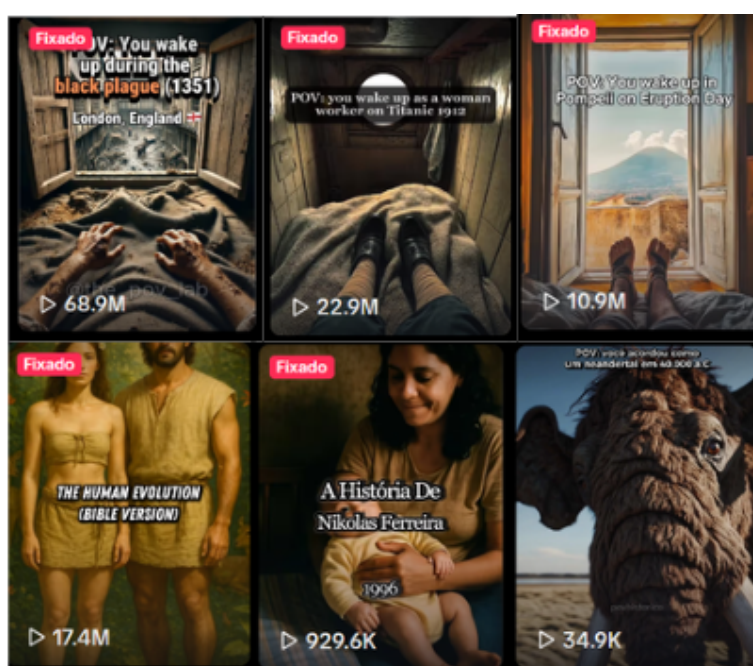
A partir desse arranjo sociotécnico, no qual infraestrutura algorítmica, ferramentas de automação e lógica de monetização se articulam, a análise se desloca para a observação empírica da produção de narrativas históricas mediadas por IA no *TikTok*. Inicialmente, mapeia-se a emergência de um ecossistema de perfis dedicados à chamada “*History AI*”, no qual grandes audiências são sistematicamente convertidas em cursos, programas de formação e serviços pagos. Nesse sentido, antes de examinar em profundidade o perfil @timeportals, é necessário situá-lo no interior desse ecossistema mais amplo, no qual se tornam visíveis as lógicas produtivas, narrativas e econômicas que estruturam esse tipo de conteúdo na plataforma.

Os perfis reunidos a seguir, cujos primeiros vídeos fixados são apresentados nas imagens abaixo, evidenciam como os vídeos históricos produzidos com IA se tornaram uma verdadeira febre no *TikTok*. Com base em dados de 26 de novembro de 2025, observa-se a consolidação de um ecossistema de perfis dedicados à criação e circulação de conteúdos gerados por IA. Contas como the_pov_lab reúnem cerca de 466,5 mil seguidores e 7,9 milhões de curtidas, apresentando-se com a frase “*I use AI to entertain*” e anunciando explicitamente que seu curso de geração de vídeos com IA já está disponível, com *link* para thepovlab.org. Algo semelhante aparece em *histry_films*, com 982,9 mil seguidores e 16,3 milhões de curtidas, definido como “*AI Content Creator / History*” e convidando o público a “*Learn To Create AI Content*”, por meio de uma página na Skool. O perfil timetravellerpov, com 591,1 mil seguidores e 12,6 milhões de curtidas, também inclui o chamado “*Learn AI*” e um *link* para um “*AI video bootcamp*”, deixando claro o vínculo entre entretenimento e oferta de formação paga. Já historyai.11, com 229,5 mil seguidores e 5,1 milhões de curtidas, anuncia: “*Learn how to make videos with AI!*”, direcionando para uma loja de produtos digitais; e cinaimafilms, com 279 mil seguidores e 2,7 milhões de curtidas, oferece “*videos through the power of artificial intelligence*” e serviços sob encomenda via site próprio. Nesse contexto, a centralidade das auto-apresentações como “criadores” e “formadores” reconfigura a autoridade sobre o passado, deslocando-a do campo historiográfico para o domínio da competência técnica, da performatividade digital e da capacidade de produzir conteúdos de alto engajamento.

Ao lado desses criadores majoritariamente em inglês, há perfis em português que mostram a circulação dessa estética também no contexto lusófono. O @viajandopelotempo conta com 84,6 mil seguidores e 1,6 milhão de curtidas, apresentando-se como um canal de “History AI”. Já o perfil @povhistorico, com 129,6 mil seguidores e 3,3 milhões de curtidas, descreve-se explicitamente em português como “História em POV com IA” e convida o público a “ver o passado através dos olhos de quem viveu”, reforçando a promessa de imersão histórica em primeira pessoa mediada por IA.

Esses perfis indicam a consolidação de um ecossistema de “History AI” em que a produção de vídeos históricos mediados por IA opera simultaneamente como entretenimento, vitrine técnica e estratégia de captação comercial. A recorrência de chamadas como “Learn AI”, “bootcamp” e “digital products” explicita a conversão direta de engajamento algorítmico em formação paga, deslocando as narrativas históricas do campo da mediação cultural para o da oferta de serviços e competências técnicas. Esse conjunto evidencia a institucionalização de um mercado de narrativas históricas baseadas em IA, no qual a produção do passado se articula diretamente à formação técnica, à oferta de serviços e à conversão do engajamento em valor econômico.

Imagem 1: Capturas de tela dos primeiros vídeos dos perfis @the_pov_lab, @histaury_films, @timetravellerpov, @historiai.11, @viajandopelotempo, @povhistorico



Análise do perfil @timeportals

No interior do ecossistema tratado acima, destaca-se o perfil @timeportals, tomado como estudo de caso por condensar, de forma particularmente visível, as lógicas produtivas, narrativas e econômicas anteriormente descritas. A conta @timeportals, descrito como *History AI*, reúne 675,4 mil seguidores e acumula 14,4 milhões de curtidas, seguindo 92 outros perfis, tendo publicado até o dia 26 de novembro 195 vídeos. Na *bio*, o criador se apresenta com a frase em inglês “*Make AI Videos Like me*”, acompanhada de um *emoji* de mão apontando para baixo, convidando o público a aprender a produzir vídeos com IA como os dele. Logo abaixo, há um *link* externo, www.aicut.pro, que direciona para uma página com mais informações, ferramentas ou cursos relacionados à criação desses conteúdos. No topo do perfil aparecem os botões de “Seguir” e “Mensagem”, além dos ícones de “adicionar”, “compartilhar” e “mais opções”, reforçando a ideia de um criador já consolidado e focado em produzir conteúdos históricos mediados por IA.

A organização do perfil sugere uma curadoria orientada menos pela coerência histórica dos conteúdos e mais pela testagem contínua de formatos com diferentes potenciais de circulação, alinhando-se à tese de Pereira (2024), segundo a qual o teste constante de produção e circulação de conteúdos, mediado por métricas de engajamento dos usuários, constitui uma condição de existência e de interação na atualidade.

A análise do *corpus* selecionado também permite avançar para uma sistematização dos formatos narrativos recorrentes na produção de conteúdos históricos mediada por IA no TikTok. Mais do que variações pontuais, esses formatos operam como matrizes produtivas de circulação, estruturando modos específicos de visualização, temporalização e legitimação do passado na plataforma.

A partir desse *corpus*, é possível propor uma tipologia analítica composta por três visualidades narrativas predominantes: (1) visualidades imersivas de testemunho, características dos vídeos em formato “POV”, que buscam inserir o espectador como participante direto da cena histórica; (2) visualidades de temporalidade condensada, presentes em vídeos que organizam o passado em sequências evolutivas lineares, simplificadas e altamente

visualizáveis; e (3) visualidades anacrônicas da historicidade, nos quais a experiência histórica traz elementos anacrônicos, buscando despertar a curiosidade, inovar visualmente e despertar estranhamento.

Essa tipologia permite avançar da descrição dos formatos para uma compreensão mais sistemática das formas pelas quais a historicidade é reorganizada em plataformas digitais mediadas por algoritmos, constituindo uma ferramenta analítica para a identificação de padrões recorrentes na produção e circulação dessas narrativas em ambientes digitais, compondo o que chamamos de uma “visualidade algorítmica”.

O primeiro vídeo do perfil @timeportals intitulado “POV: You Time Traveled to Rome Year 476”, foi publicado no dia 28 de novembro de 2024 e possui 26,1 mil curtidas e 356,1 mil visualizações. Trata-se de um vídeo composto por uma sequência de imagens animadas que representam a “queda” de Roma conforme a periodização tradicional. O formato *Point of View* (POV), em português “ponto de vista”, tem a ideia de colocar o usuário como uma testemunha ocular dos eventos em primeira pessoa. O foco nesse estilo é a imersão: o vídeo possui uma música dramática de fundo, criada pelo próprio autor. A experiência é “ver de perto” e conseguir observar “o que aconteceu”, “como foi” e tentar reconstruir a paisagem romana em destruição. Esse padrão evidencia uma forma de visualidade algorítmica, caracterizada pela padronização de enquadramentos e pela produção de efeitos de presença orientados à retenção do espectador. Esse vídeo não foi monetizado pelo TikTok pois não possui mais de 1 minuto de duração (TIKTOK, 2025).

O vídeo mais popular desse formato é “POV: You wake up In England in The Year 550 AD”, publicado no dia 15 de dezembro de 2024, com 362,4 mil curtidas e 5,3 milhões de visualizações. O formato é o mesmo e pode ser compreendido, desde logo, como um regime imersivo de testemunho, no qual a sequência de imagens em movimento busca colocar o usuário “dentro” da história na Grã-Bretanha medieval. Nesse regime, a autoridade da narrativa não deriva da contextualização historiográfica, mas da simulação sensorial de presença, isto é, da impressão de acesso direto à cena histórica. A visualidade algorítmica manifesta-se, aqui, na padronização de enquadramentos, na estilização cinematográfica e na produção de efeitos visuais de presença, que favorecem a percepção de acesso imediato ao passado.

No vídeo “YOUR BIRTH MONTH = YOUR ERA IN HISTORY – PART 1”, publicado em 12 de janeiro de 2025, o criador propõe uma dinâmica em que o mês de nascimento do usuário define

a “sua era na História”, acompanhada por sequências visuais ambientadas em diversos períodos históricos, principalmente aqueles mais tradicionais (Egito Antigo, Império Romano, Idade do Gelo, etc.). A descrição reforça a lógica de jogo interativo com o espectador, convidando o público a comentar o próprio mês de nascimento para que a IA gere, em vídeos posteriores, uma sequência de imagens correspondente, estratégia que amplia significativamente o engajamento do conteúdo e sua circulação. O vídeo registra 30,8 mil curtidas e 750,6 mil visualizações.

Observa-se também a atuação da mediação algorítmica, uma vez que a estrutura do vídeo é orientada à maximização de comentários e à retroalimentação da circulação por meio da interação dos usuários. Neste enquadramento, o tempo histórico deixa de operar como sucessão contextualizada de processos e passa a funcionar como rótulo intercambiável, ativado por critérios de engajamento com o público. Nesse caso, a historicidade é reorganizada sob a forma de gamificação, convertendo períodos históricos em marcadores intercambiáveis acionados por lógicas de participação e engajamento.

O primeiro vídeo fixado, publicado no dia 13 de fevereiro de 2025, é também o mais popular entre todos os conteúdos do criador, por ser o que reúne o maior número de curtidas. No formato “POV”, com 14 segundos de duração, o espectador vê a cena em primeira pessoa, de dentro de uma tenda no deserto, com os pés enquadrados em primeiro plano e as pirâmides ao fundo, enquanto a legenda sobreposta anuncia: “POV: You wake up as a Pyramid Builder in 1550 BCE”. O vídeo acumula cerca de 2,5 milhões de curtidas e 44,2 milhões de visualizações, o que o consolida como o conteúdo de maior alcance do perfil. Nesse ponto, a cena constrói uma experiência histórica centrada na vivência individual, deslocando o passado do plano estrutural e coletivo para uma perspectiva subjetiva descontextualizada. Também aqui se observa um regime imersivo de testemunho, no qual a narrativa histórica é organizada menos como explicação de processos do que como experiência individual simulada, ancorada em efeitos de presença e identificação.

Após a série de vídeos em formato “POV”, surgem os vídeos de “evolução”, um dos eixos mais recorrentes do perfil. Entre eles, destaca-se um vídeo com mais de 1 minuto dedicado à trajetória de Louis Vuitton. A capa mostra um bebê adormecido com a legenda em inglês “The Evolution Of Louis Vuitton 1821 – Age 0”, indicando o início de uma narrativa biográfica teleológica, em que a vida do personagem é contada como uma sequência progressiva até o sucesso. O vídeo reúne diversas imagens geradas por IA e é acompanhado por uma trilha sonora

modificada e mais lenta da música “Brother Louie”, da banda Modern Talking. Esse vídeo registra 355,5 mil curtidas e 10,7 milhões de visualizações, consolidando-se como um exemplo de conteúdo histórico-espetacular pensado para maximizar engajamento.

Esse eixo narrativo, um dos mais recorrentes e bem-sucedidos do perfil, desdobra-se em diferentes frentes temáticas, incluindo trajetórias biográficas, evolução de animais, países e povos. Sua recorrência demonstra não apenas a centralidade de narrativas lineares e visualmente estabilizadas no ecossistema da plataforma, mas também um traço atualista da produção de vídeos curtos no *TikTok*, marcado pela necessidade permanente de atualização técnica, experimentação formal e testagem contínua de conteúdos capazes de atrair atenção e engajamento. Nesse contexto, a novidade não opera como valor duradouro, mas como efeito provisório de circulação, rapidamente esgotado e substituído por novos formatos, em sintonia com a dinâmica de atualização constante descrita por Araújo e Pereira (2019) e com a lógica de testagem contínua destacada por Pereira (2024).

O vídeo “*Evolution of India*” apresenta uma narrativa em formato de “linha do tempo”, na qual a história do subcontinente indiano é condensada em uma sequência de quadros cronológicos que exibem, a cada etapa, um marco temporal e uma imagem sintética correspondente. A publicação acumula 313,7 mil curtidas e 7,5 milhões de visualizações, tendo mais de 1 minuto de duração. Visualmente, o vídeo se apoia em composições “cinematográficas” e altamente legíveis, com personagens em pose frontal, como escribas e imperadores, além de figurinos e cenários estilizados. Esses elementos acionam signos de poder e grandiosidade na representação de períodos e formações políticas. Isso se observa, por exemplo, no frame “*Maurya Empire – 322 BCE*”, em que um personagem central é destacado diante de uma multidão, sugerindo unidade e centralização imperial.

Esse padrão dialoga com a literatura recente sobre IA generativa, que aponta para a recorrência de vieses e para a produção de repertórios visuais homogêneos, frequentemente ancorados em esquemas estereotipados e de rápida legibilidade, nos quais a simplificação histórica e a padronização estética operam como condições de circulação e reconhecimento na plataforma. Tal configuração evidencia a articulação entre visualidade algorítmica e atualismo, na medida em que a compressão temporal e a padronização visual favorecem formatos altamente circuláveis na plataforma.

Como expressão de um regime de temporalidade condensada, o vídeo estrutura a história como trajetória linear de evolução, privilegiando uma leitura progressiva e simplificada do passado, o que tende a produzir teleologia e anacronismos visuais, além de favorecer estereótipos imagéticos para garantir reconhecimento imediato em um formato curto de alta retenção. Além disso, esse arranjo narrativo favorece a percepção da história como sequência concluída e estabilizada, reduzindo a abertura interpretativa e a percepção de conflitos inerentes aos processos históricos. Trata-se, portanto, de uma forma de atualismo, na qual o passado é reorganizado como sequência acelerada, continuamente adaptável às exigências de circulação e retenção da atenção na plataforma.

Nos chamados vídeos de “entrevista”, o criador simula reportagens em cenários históricos recriados por IA. No vídeo *“History Interviews Part 1”*, ambientado na construção das pirâmides no Egito, um apresentador em roupas “históricas” entrevista um trabalhador egípcio em inglês, com legendas sobre a fala. O vídeo registra 30,2 mil curtidas e 643,4 mil visualizações e possui 23 segundos de duração. Diferentemente dos vídeos longos de “evolução”, esse formato curto tende a não ser monetizado, mas chama atenção justamente por tornar mais visível o anacronismo, como o sotaque britânico do “egípcio” entrevistado e o uso da língua inglesa.

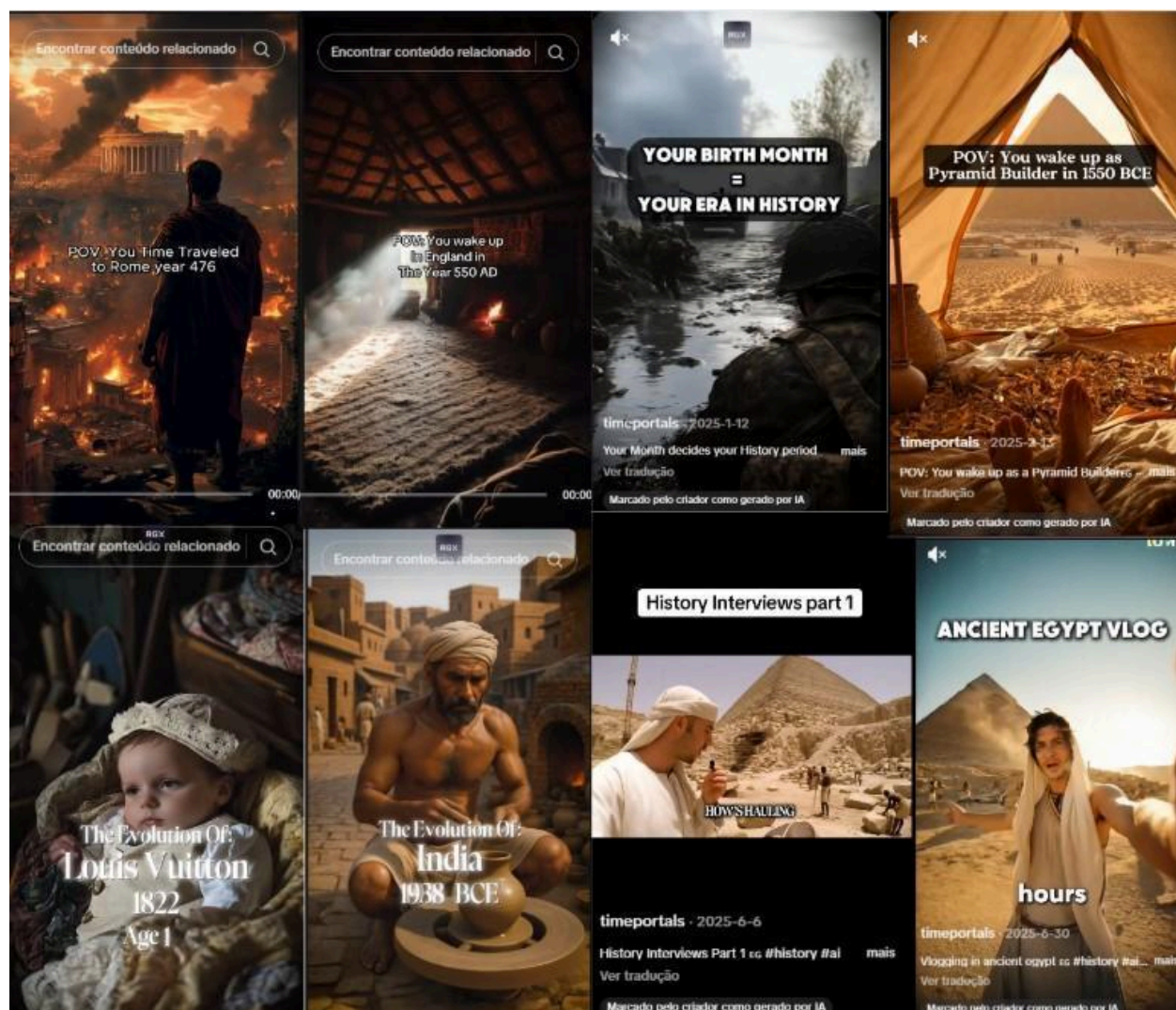
Nos vídeos em formato de “vlog”, o criador encena uma espécie de diário em primeira pessoa no Egito antigo. Em *“ANCIENT EGYPT VLOG”*, a câmera acompanha um personagem jovem vestido com roupas “históricas”, caminhando diante das pirâmides enquanto fala diretamente ao público, entrevistando “pessoas”, como em um vlog contemporâneo, ressaltando gírias típicas de um contexto de juventude estadunidense. O vídeo registra cerca de 1,7 mil curtidas e 105,6 mil visualizações, com 18 segundos de duração.

Em ambos os vídeos de “vlog”, observam-se estratégias narrativas e estéticas recorrentes. A primeira é o estranhamento produzido pela presença de um sujeito que grava como se estivesse com um celular na horizontal, com o braço esticado, entrevistando pessoas em contextos historicamente deslocados. A fala em inglês, o uso do microfone e a estrutura das perguntas contribuem para transformar esse desencaixe temporal em recurso de engajamento. Esses formatos tensionam as maneiras anteriores ao combinar imersão, anacronismo e performatividade digital, convertendo esse efeito de deslocamento em estratégia de retenção. Nesses casos, a autoridade da narrativa não repousa nem na contextualização documental nem na coerência temporal, mas na capacidade de produzir legibilidade algorítmica, isto é, de

responder às lógicas de mediação algorítmica que estruturam visibilidade e circulação na plataforma.

Esses elementos permitem compreender como, no interior dessa ecologia sociotécnica mediada por algoritmos, as narrativas históricas mediadas por IA participam ativamente da reconfiguração contemporânea dos regimes de autoridade histórica, deslocando-os para formas de validação ancoradas na visibilidade, na performatividade e na circulação algorítmica. Mais do que uma mudança nos modos de representação, trata-se de uma transformação nas próprias condições de produção e legitimação do conhecimento histórico, na qual a inteligibilidade do passado passa a depender de sua adequação a formatos altamente legíveis, replicáveis e orientados ao engajamento. Nesse contexto, a autoridade histórica deixa de se constituir prioritariamente pela mediação historiográfica e passa a ser produzida na interface entre estética visual, temporalidade condensada e métricas de desempenho, reconfigurando os critérios pelos quais o passado é reconhecido, validado e compartilhado no ambiente digital.

Imagem 2: Capturas de tela dos vídeos do perfil timeportals



Fonte: TikTok.

Por que esses conteúdos viralizam no TikTok?

Como discutido na seção anterior, os conteúdos produzidos pelo perfil @timeportals organizam-se em três formatos principais, todos mediados por IA: “POV”, “evolução” e “vlog”. Mais do que categorias descritivas, esses formatos correspondem às visualidades narrativas distintas, que estruturam diferentes modos de relação com o passado e ajudam a explicar suas dinâmicas de circulação na plataforma. Enquanto o formato “POV” privilegia a imersão e a

experiência em primeira pessoa, inserindo o espectador como testemunha direta dos acontecimentos (seja estar na Alemanha Oriental na década de 1970 ou acordar dentro do navio Titanic em 1912), o formato “evolução” organiza o passado em sequências lineares e altamente legíveis, enfatizando trajetórias progressivas e condensadas (podendo ser a vida de Cleópatra ou de Genghis Khan). Já o formato “vlog” mobiliza estratégias performativas e anacrônicas, simulando entrevistas ou registros cotidianos em contextos históricos (como em Hiroshima no ano de 1945 ou em uma trincheira na Grande Guerra). Essa diferenciação não é apenas formal, mas central para compreender por que determinados conteúdos alcançam maior visibilidade, engajamento e viralização no ambiente algorítmico do *TikTok*.

A seguir apresentaremos uma tabela com os principais dados dos vídeos analisados até o dia 26 de novembro de 2025. As métricas foram atualizadas no dia 26 de março de 2026. Os onze vídeos de “evolução de animais” do perfil, apesar de terem métricas altas, foram retirados da análise pois não possuíam temática histórica.

Tabela 1: Métricas dos vídeos do perfil @timeportals

Métricas	POV 99 vídeos	Evolução 64 vídeos	Vlog 21 vídeos
Total de visualizações	100 milhões	117.6 milhões	5.8 milhões
Média de visualizações	1.01 milhões	1.84 milhões	278 mil
Mediana de visualizações	259 mil	948 mil	124 mil
Média de curtidas	51.445 mil	68.231 mil	12.494 mil
Média de compartilhamentos	4.162 mil	3.169 mil	1.407 mil
Média de comentários	347	1.034 mil	86

Fonte: os autores.

A partir da tabela, observam-se diferenças relevantes nas formas de recepção dos vídeos históricos gerados por IA. O formato “POV”, que inaugurou a produção no perfil @timeportals, é o mais recorrente, embora apresente menor média de visualizações que o formato “evolução”. No *TikTok*, contudo, a circulação dos conteúdos não se orienta exclusivamente pelo número de visualizações, mas por métricas de engajamento, especialmente curtidas, comentários e compartilhamentos, aqui consideradas indicadores centrais de interação.

A comparação entre formatos revela dinâmicas distintas: o “POV” apresenta maior média de curtidas, enquanto o “evolução” concentra maior volume de comentário, indicando maior capacidade de mobilizar interações discursivas. Já o “vlog” deve ser interpretado com cautela, dado o número reduzido de vídeos. A análise qualitativa dos comentários evidencia que esses engajamentos se desdobram em reações diversas, positivas e negativas, sobretudo em relação às figuras históricas representadas, indicando que a recepção envolve disputas de sentido no interior da plataforma.

Essas diferenças podem ser compreendidas à luz da tipologia proposta. O “POV”, associado a visualidade imersiva de testemunho, favorece identificação sensorial e produção de “presença”, contribuindo para maiores níveis de curtidas. O “evolução”, vinculado a visualidade de temporalidade condensada, organiza o passado em sequências lineares altamente legíveis, favorecendo interpretações e controvérsias que se expressam no maior volume de comentários, organizando a narrativa como uma teleologia. O “vlog”, relacionado à visualidade anacrônica da historicidade apresenta dinâmicas mais instáveis de engajamento, em parte condicionadas pelo número reduzido de conteúdos.

Os três formatos apresentam semelhanças na forma em que constroem suas visualidades, ou seja, nas escolhas visuais que orientam a construção e representação do passado, se transformando em agentes ativos na produção de sentidos, afetos e conhecimentos dentro do TikTok (KNAUSS, 2006; SÉRVIO, 2014; SANTIAGO JR, 2019).

Por sua vez, a “visualidade algorítmica” identificada nos vídeos do perfil @timeportals reproduz os padrões de exotismo e estereotipagem apontados pela literatura recente sobre IA generativa (GAUTAM; VENKIT; GHOSH, 2024; VARGHESE; RANI, 2024; ALMEIDA; RAFAEL, 2024; GHOSH *et al.*, 2025), na medida em que visões redutoras de outras culturas são produzidas e intensificadas por uma estética “hiperrealista”. Essa estética constitui um dos principais motores de atenção desses vídeos, ao operar por meio da simulação de um passado visualmente convincente e imediatamente reconhecível.

Nos formatos “POV” e “evolução”, essa lógica se manifesta na reconstrução do passado como se fosse diretamente acessível ao olhar contemporâneo, reforçando a impressão de autenticidade e imersão. No caso específico do formato “evolução”, observa-se ainda a mobilização de narrativas centradas em figuras históricas ou celebridades, como Cleópatra ou Genghis Khan, que ativam a curiosidade dos usuários. Ao mesmo tempo, essas narrativas

organizam-se a partir de uma lógica teleológica, baseada na construção de trajetórias lineares e coerentes, que produzem uma espécie de ilusão biográfica. Esse procedimento contribui para a captura da atenção ao oferecer histórias facilmente assimiláveis, nas quais o passado é reorganizado em sequências visuais simplificadas e orientadas por um sentido de progressão.

Já o formato “vlog” possui uma particularidade importante. Enquanto os formatos “POV” e “evolução” se apresentam como “verdadeiros”, o formato “vlog” se apresenta como uma visualidade anacrônica, como se o “entrevistador” estivesse segurando um celular e um microfone e conversando com os sujeitos da cena. O formato “vlog” é o único em que aparece áudio de conversa em inglês, diminuindo o alcance e a projeção dos próprios usuários no vídeo. Isso constitui um limitador importante em comparação ao formato “POV”, que usa imagens de fundo e música, e ao formato “evolução”, que utiliza uma música viral, repetida por outros criadores de conteúdo.

Assim, os formatos “POV” e “evolução”, ao não utilizarem o inglês, reforçam dois elementos: o primeiro é a projeção dos usuários nessas visualidades, aumentando o engajamento com a narrativa e com o vídeo, ressaltando a “hiperrealidade”; o segundo é o anacronismo “irreal” do formato “vlog”, no qual o usuário consegue captar a menor verossimilhança com o passado, já que temos a língua inglesa, sotaques, gírias e a “tecnologia” atual transportada ao passado. Outro elemento importante é próprio da plataforma: o formato “vlog” apresenta, em sua maioria, vídeos na horizontal, não adaptados ao formato vertical característico do *TikTok*.

Essas “visualidades algorítmicas”, operacionalizadas nesses formatos, reforçam o que Pereira (2024) denomina construção de uma temporalidade algorítmica do provável. Nos vídeos produzidos por IA utilizados no perfil @timeportals, observamos certos padrões, como a recorrência de temas tidos como “universais” (Egito Antigo, Roma, monarquia europeia) e a presença de exotização e orientalismo, sobretudo na representação de países, pessoas e histórias fora do contexto europeu e anglo-saxão, ainda que também se observem estereótipos relacionados a populações indígenas dos Estados Unidos. A autoridade associada à produção dessas “visualidades algorítmicas” está vinculada tanto ao poder de engajamento do perfil que publica os vídeos quanto aos sistemas de IA responsáveis pela construção dos roteiros e pela elaboração das sequências temporais em imagens.

É justamente nessa relação entre “visualidade algorítmica” e história que o conceito de atualismo (ARAUJO; PEREIRA, 2019) se torna central. Essa experiência temporal, que traz o passado atualizado para o presente ao mesmo tempo em que suprime o horizonte futuro, é constitutiva tanto do TikTok quanto das próprias IAs (PEREIRA, 2024). No perfil @timeportals, as dimensões atualistas são múltiplas: as ferramentas de IA se atualizam continuamente, tornando formatos estabelecidos rapidamente obsoletos; a aba “Para Você” da plataforma exige atualização constante do *feed*, inviabilizando a fidelização a um único perfil; e as atualizações recorrentes da plataforma, em relação ao tempo de duração dos vídeos, ao algoritmo de recomendação e à circulação de conteúdos gerados por IA, impõem ritmos acelerados de adaptação. O próprio perfil incorpora essa lógica: a busca por “novidade” visual resulta, paradoxalmente, na repetição exaustiva dos mesmos temas e formatos.

Cabe ainda destacar a dimensão da curiosidade mobilizada por Heidegger e retomada por Araujo e Pereira (2019: 91) na elaboração do conceito de atualismo. Em *Ser e tempo* (2012), a curiosidade designa a vontade de ver e ter visto sem que o ser-aí alcance compreensão do que desperta seu interesse. A “visualidade algorítmica” do perfil @timeportals opera precisamente nesse registro: trata-se de um consumo orientado à retenção sensorial em uma plataforma voltada ao entretenimento, no qual a produção de sentido histórico permanece em suspenso, salvo quando os próprios usuários a ativam por meio de interações nos comentários.

Esses dados indicam que a viralização não se distribui de forma aleatória, mas está associada à capacidade de determinados formatos narrativos de produzir retenção, identificação e engajamento. Mais do que refletir preferências individuais, esses padrões evidenciam a centralidade das mediações sociotécnicas na organização da visibilidade, uma vez que a circulação depende da adequação simultânea a formatos narrativos reconhecíveis, regimes visuais estabilizados e métricas de desempenho.

Nesse sentido, a viralização deve ser compreendida como resultado da articulação entre visualidades narrativas, “visualidade algorítmica” e dinâmicas de circulação orientadas por engajamento, que estruturam as condições de visibilidade e legitimação das narrativas históricas no ambiente digital. Trata-se de um processo no qual a autoridade histórica deixa de se vincular exclusivamente à coerência temporal ou à mediação historiográfica e passa a ser produzida na interface entre forma narrativa, performance visual e circulação algorítmica.

Considerações finais

A análise desenvolvida neste artigo evidencia que a produção de narrativas históricas mediadas por IA no *TikTok* não constitui apenas uma inovação nos formatos de circulação do passado, mas integra uma reconfiguração mais ampla das condições contemporâneas de produção, visibilidade e legitimação do conhecimento histórico. A partir do estudo de caso do perfil @timeportals, demonstrou-se que essas narrativas emergem no interior de uma ecologia sociotécnica na qual infraestruturas algorítmicas, ferramentas de IA generativa, formatos audiovisuais padronizados e estratégias de monetização operam de forma articulada, condicionando simultaneamente as formas narrativas, os regimes de temporalidade e os modos de recepção.

Nesse contexto, a tipologia proposta constitui uma das principais contribuições do artigo, ao evidenciar como diferentes visualidades algorítmicas organizam modos específicos de relação com o passado sob condições algorítmicas de produção e circulação. A simulação de presença nos formatos imersivos, a condensação temporal em sequências lineares e a conversão da historicidade em dinâmica participativa não configuram apenas variações formais, mas expressam formas distintas de produção de inteligibilidade histórica, diretamente vinculadas às lógicas de engajamento da plataforma.

A partir dessas dinâmicas, observa-se que a autoridade histórica passa a ser produzida em um campo ampliado de disputas, no qual critérios historiográficos tradicionais coexistem com formas de legitimação baseadas na performance visual, na capacidade de retenção e na circulação algorítmica. Nesse deslocamento, elementos como anacronismo, simplificação e padronização deixam de ser compreendidos exclusivamente como falhas ou distorções, passando a ser interpretados como efeitos estruturais das condições sociotécnicas que orientam a produção e a visibilidade desses conteúdos. Essas dinâmicas articulam-se a um regime atualista, no qual o passado é continuamente atualizado, reorganizado e reconfigurado em função das lógicas de circulação e engajamento da plataforma.

Os resultados indicam ainda que essas narrativas estão profundamente imbricadas a dinâmicas econômicas próprias das plataformas, nas quais engajamento e visibilidade são convertidos em valor. A articulação entre produção seriada, formação de públicos e oferta de

serviços evidencia que a circulação de conteúdos históricos mediada por IA se insere também em uma economia da atenção, na qual a competência técnica e a adaptação a formatos virais passam a disputar a centralidade do saber historiográfico como instância de autoridade.

Reconhece-se, contudo, que o recorte adotado impõe limites à generalização dos resultados, uma vez que o estudo de caso privilegia um segmento específico do *TikTok*. Ainda assim, a análise permite identificar dinâmicas recorrentes que podem orientar investigações futuras, especialmente no que se refere à comparação entre diferentes perfis, plataformas e regimes de recepção.

Ao deslocar o foco da IA enquanto ferramenta para as mediações sociotécnicas que estruturam a produção contemporânea de narrativas históricas, este artigo contribui para os debates das Humanidades Digitais ao evidenciar que visualidade, temporalidade e circulação constituem dimensões centrais na produção de significados sobre o passado. Nesse sentido, compreender essas narrativas exige deslocar o olhar do conteúdo para as condições sociotécnicas que definem sua produção, circulação e legitimação, reconhecendo que é nesse nível que se reorganizam as disputas em torno do que pode ser visto, compartilhado e reconhecido como história no ambiente digital.

Fontes

TIMEPORTALS. ANCIENT EGYPT VLOG. *TikTok*, 30 de junho de 2025. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@timeportals/video/7521873213136162070>>. Acesso em: 30 mar. 2026.

TIMEPORTALS. Evolution of India. *TikTok*, 14 abril 2025. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@timeportals/video/7504379452235746582>>. Acesso em: 30 mar. 2026.

TIMEPORTALS. History Interviews Part 1. *TikTok*, 6 de junho de 2025. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@timeportals/video/7512714641949150486>>. Acesso em: 30 mar. 2026.

TIMEPORTALS. POV: You Time Traveled to Rome year 476. *TikTok*, 28 de novembro de 2024. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@timeportals/video/7442410010836995350>>. Acesso em: 30 mar. 2026.

TIMEPORTALS. POV: You wake up as a Pyramid Builder in 1550 BCE. *TikTok*, 13 de fevereiro de 2025. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@timeportals/video/7470947021009161474>>. Acesso em: 30 mar. 2026.

- TIMEPORTALS. The Evolution Of Louis Vuitton 1821 – Age 0. *TikTok*, 14 de abril de 2025. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@timeportals/video/7493209608266239254>>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- TIMEPORTALS. YOUR BIRTH MONTH = YOUR ERA IN HISTORY – PART 1. *TikTok*, 12 de janeiro de 2025. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@timeportals/video/7459117967008107798>>. Acesso em: 30 mar. 2026.

Referências bibliográficas

- AIROLDI, Máximo (2022). *Machine habitus: toward a sociology of algorithms*. Cambridge: Polity Press.
- ALMEIDA, Fábio de; RAFAEL, Sônia (2024). Bias by Default: Neocolonial Visual Vocabularies in AI Image Generating Design Practices. In: EXTENDED ABSTRACTS OF THE CHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS (CHI EA '24), Honolulu, HI, USA. *Proceedings...* New York: Association for Computing Machinery (ACM), pp. 1–8. Disponível em: <<https://doi.org/10.1145/3613905.3644053>>. Acesso em: 9 jan. 2026.
- ARAUJO, Valdeci Lopes de; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria (2019). *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Vitória: Editora Milfontes / Mariana: Editora da SBTHH.
- BERNARDI, Guilherme (2025). TikTok vai permitir controle de conteúdo gerado com IA no feed. *Exame*, 19 nov. Disponível em: <<https://exame.com/inteligencia-artificial/tiktok-vai-permitir-controle-de-conteudo-gerado-com-ia-no-feed/>>. Acesso em: 9 jan. 2026.
- BURRELL, Jenna (2016). How the machine ‘thinks’: understanding opacity in machine learning algorithms. *Big Data & Society*, London, v. 3, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/2053951715622512>>. Acesso em: 19 mar. 2026.
- CHALEGRA, Jessica (2025). TikTok reforça regras para priorizar experiência e conteúdo. *Consumidor Moderno*, São Paulo, 18 ago. Disponível em: <<https://consumidormoderno.com.br/tiktok-regras-experiencia/>>. Acesso em: 9 jan. 2026.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter (2024). Pele negra, alucinações brancas: capitalismo, IA e racialização. *Blog da Boitempo*, São Paulo, 27 mar. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2024/03/27/pele-negra-alucinacoes-brancas-capitalismo-ia-e-racializacao/>>. Acesso em: 2 jan. 2026.
- FLORIDI, Luciano (2019). Establishing the rules for building trustworthy AI. *Nature Machine Intelligence*, London, v. 1, pp. 261–262. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s42256-019-0055-y>>. Acesso em: 19 mar. 2026.
- GAUTAM, Sanjana; VENKIT, Pranav Narayanan; GHOSH, Sourojit (2024). From Melting Pots to Misrepresentations: Exploring Harms in Generative AI. *arXiv*. arXiv:2403.10776. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/2403.10776>>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- GHOSH, Sourojit *et al* (2025). Documenting Patterns of Exoticism of Marginalized Populations Within Text-to-Image Generators. *Proceedings of the AAAI/ACM Conference on AI, Ethics, and Society*, [S. l.], v. 8, n. 2, pp. 1107–1119. Disponível em: <<https://ojs.aaai.org/index.php/AIES/article/view/36614>>. Acesso em: 9 jan. 2026.

- HEIDEGGER, Martin (2012). *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Edição bilíngue alemão-português. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- HO, Jonathan et al (2022). *Video Diffusion Models*. arXiv. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/2204.03458>>. Acesso em: 9 jan. 2026.
- KAYE, Bondy; CHEN, Xu; ZENG, Jing (2021). The co-evolution of two Chinese mobile short video apps: Parallel platformization of Douyin and TikTok. *Mobile Media & Communication*, v. 9, n. 2, pp. 229-253. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2050157920952120>>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- KNAUSS, Paulo (2006). *O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual*. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, pp. 97-115. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>>. Acesso em: 19 mar. 2026.
- KOZINETTS, Robert V. (2014) *Netnography: Redefined*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- LUCCHESI, Anita (2024). Condições de produção da História em tempos de interferências digitais: a contribuição da hermenêutica da prática. In: MONTEIRO, Jaislan Honório; QUEIROZ, Teresinha; FERREIRA, Ronyere (org.). *História: teorias, metodologias e itinerários contemporâneos*. Teresina: Cancioneiro. pp. 255-279.
- PEREIRA, Paula Cardoso (2024). *Futuros Maquímicos: racionalidade e temporalidade nos algoritmos da Inteligência Artificial*. 2024. 243 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SANTIAGO JÚNIOR (2019), Francisco das Chagas Fernandes. A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades. *Anais do Museu Paulista, São Paulo*, v. 27, pp. 1-51. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672019v27e08>>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- SÉRVIO, Pablo Petit Passos (2014). O que estudam os estudos de cultura visual? *Revista Digital do LAV, Santa Maria*, v. 7, n. 2, pp. 196-215. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1983734812393>>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- STOKEL-WALKER, Chris (2022). *TikTok boom: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- TIKTOK (2025[2025]). Programa de Recompensas do Criador. *Academia de Criadores*. [S. l.]: TikTok. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/creator-academy/article/creator-rewards-program/?lang=pt-BR>>. Acesso em: 9 jan. 2026.
- VARGHESE, Jinu K.; RANI, Padma (2024). Digital Orientalism in Machine Vision: A Cross-Platform Analysis of AI-Generated Representations of Indian Culture. *Russian Sociological Review*, [S. l.], v. 23, n. 4, pp. 113-139. Disponível em: <<https://doi.org/10.17323/1728-192x-2024-4-113-139>>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- VENTURA, Magda Maria (2007). O Estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Rev Socerj*, [S. l.], v. 5, n. 20, pp. 383-386. Disponível em: <http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em: 13 out. 2025.

WANG, Yimu *et al.* (2025) Survey of Video Diffusion Models: Foundations, Implementations, and Applications. *arXiv*. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/2504.16081>>. Acesso em: 9 jan. 2026.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial Generativa

Os autores do artigo acima identificado declaram que ao longo da elaboração deste manuscrito foram utilizadas a seguinte ferramenta de inteligência artificial: Claude, com a finalidade de: revisão de linguagem — aprimoramento do estilo textual e da clareza; tradução — processo de conversão do artigo, total ou parcial, para outro idioma; análise de dados — interpretação preliminar e tratamento de conjunto de dados; e visualização de dados ou imagens — apoio na produção e/ou aprimoramento de gráficos, figuras ou ilustrações. Após o uso da ferramenta, os autores revisaram e editaram criticamente todo o conteúdo, assumindo total e integral responsabilidade pelo manuscrito publicado, inclusive por eventuais imprecisões ou incorreções.